

A BAINHEIRA

(Reg. nº 1.447 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

Diretora: Flora Mangueira _____ Secretária: Avany C. Santos -
Redatora: Nice de Araujo _____ Tesoureira: M. Cristina Machado

Ano III _____ E. S. C. D., 5 de junho de 1960 _____ N. 32

O Currículo da E.S.C.D. necessita reforma

A ESCD é, sem dúvida, uma escola nova. Ensaia os primeiros passos ainda inseguros, cheios de incertezas e de dúvidas. Como escola nova, sofre ainda mais, na ânsia de adaptar um curso inédito no Brasil às necessidades do País, do povo, da sociedade.

Em sua pouca idade ela luta. Luta tentando ir para frente, luta tentando se firmar, luta tentando formar profissionais eficientes e honestas, que possam levar para a vida, um cabedal de conhecimentos, que abrihantem o nome da ESCD e que ajudem na construção de um mundo melhor, apoiadas na técnica e no ideal do bem comum.

Problemas e mais problemas agitam-se dentro de cada uma de nós, no desejo ardente de que tudo isso se cumpra.

E, foi pensando nisso, que nos despertamos para o problema currículo. Currículo que é, sem dúvida, das partes mais importantes de uma escola e que concorre grandemente para o êxito da mesma.

Nosso currículo necessita reforma, necessita adaptação, necessita coordenação. Esta reforma traria ao curso mais estabilidade, mais concatenação mais eficiência.

Em uma luta comum, todos se põem em campo e não poderíamos negar à nossa Escola uma colaboração, no sentido de auxiliá-la a firmar seus passos e se impôr, não como a única no gênero no País, mas como uma escola que sirva de exem-

plo a tôdas as outras que, certamente surgirão, num futuro bem próximo, dando-lhes o apóio e a orientação que não tivemos.

Interessado em uma melhoria, em uma evolução, em um desenvolvimento da ESCD, assim como, na eficiência da profissional em Ciências Domésticas, perante a sociedade, um grupo começou a pensar no assunto. Embora já esteja êle sendo a preocupação de pessoas de reconhecida capacidade, nossa idéia não deixa de ser autêntica, visto que temos a vivência do problema.

Muito foi discutido e muitas idéias divergentes surgiram sobre a colocação de matérias neste ou naquele ano. Muito foi falado também da necessidade de que o plano reformador fôsse feito de maneira que os dois primeiros anos fossem básicos. Assim, haveria correlação de matérias para que se entrasse em cada ano munido de todos os elementos necessários para tirar dêle o máximo que êle pudesse oferecer.

Maior interesse surgiria, sem dúvida, por parte das alunas se encarassem as matérias com a verdadeira técnica que elas exigem. Mas, para isso seria necessário base.

A orientação das matérias sofreria uma moldagem no sentido de adaptação com as correlatas. Não se pode estudar matérias isoladas em um curso, pois isto quebra o equilíbrio do mesmo.

Nosso plano implicaria na substituição de algumas cadeiras e inclusão de outras que julgamos necessárias para maior aproveitamento da turma.

Sofreria mudança também o exame de vestibular, com o acréscimo de matérias que concorressem para que o nosso nível de curso superior fôsse elevado. Isso implicaria, na verdade, em um inpecílio a mais para o acesso à Escola e exigiria de cada aluna o máximo de seus esforços, mas, temos certeza de que tudo seria dado de bom grado pela turma sequiosa de ver o nome da sua Escola em projeção no País e o seu nome de profissional reconhecido e respeitado.

NICE DE ARAUJO.

EM AGOSTO, A SEMANA DA REFORMA AGRÁRIA

Ponto por demais discutido nas mais variadas esferas, a Reforma Agrária tem ocupado lugar de destaque no panorama nacional, juntando-se ao número bastante elevado das questões em estudo.

Projetos e mais projetos de lei para resolver o que realmente constitui um problema grave de um país agrícola que, apesar de atravessar o século da racionalização de métodos e de possuir doze escolas de Agricultura de nível superior, não tem legislação, não tem práticas condizentes com as exigências da época.

Pertencendo a uma Universidade Rural, preparando-nos, quase todos, direta ou indiretamente, para trabalhar no erguimento social e econômico do homem

(Continua na 2ª página)

do campo, do meio rural em geral e da agricultura especificamente, é necessário que encaremos o problema com seriedade.

Para isto, está sendo organizada a Semana da Reforma Agrária, quando, baseados num estudo mais profundo do assunto, o discutiremos.

Embora reconheçamos que realmente dispomos, de pouco tempo e recursos para este tipo de trabalho, ficamos pesarosos com o profundo desinteresse do nosso grupo pelos problemas da nacionalidade, principalmente aqueles que nos são atinentes.

Mais de trezentos projetos foram lançados com a finalidade de solucionar ou confundir a questão.

A Reforma Agrária, insistimos, é uma necessidade. Repetimos. Somos um país agrícola, e se quisermos que a agricultura marche com o progresso da técnica, necessitamos de uma legislação adequada.

Cabe àqueles que labutam no campo, que o conhecem, que a eles se dedicam, interessar-se mais de perto pelo conhecimento do que até aqui se tem feito pela Reforma Agrária.

Não esqueça — a Semana de Reforma Agrária se aproxima. Como futuro agrônomo, como futuro extensionista e, principalmente, como brasileiro e universitário, você tem o dever de conhecer o seu significado.

JOVEM GUARDA EM BOSSA NOVA

Bastante top estêve a pedida do DAAB quando da estadia dos Ouropretanos por aqui. Esticou-se, com alegria e boa música, noite a dentro.

Muitos lances foram vistos na tangente do necessário, por nós, com vibrações periódicas.

Se não vimos mal, Neuza Pretti, estêve em azul bem profundo, com certo Ouropretano, pondo Esavianos para escanteio. Esta atitude foi se-

guida por várias. Até a Tainira deu a nota variante.

Queremos congratularmos com os esportistas esavianos que, em si bem sustenidos tiveram brilhantes vitórias sobre os ouropretanos.

Cluster convidativo foi também o Baile Róseo, que contou com a presença de muitos rapazes de fora e poucos da ESA.

Mesmo assim várias notas foram dadas e como não poderia deixar de ser receptadas por nós.

Carmezinda demonstrando um H muito grande, estêve bem com Oprimido. Tudo fazia lembrar círculos dourados.

Boa pedida programada para dia 4 de junho. Na pauta do preciso, elegantes se apresentarão em trajes caipiras. Quentão, salgadinhos e pipocas completarão a esticada que promete ser bastante top.

E agora queridinhos, adeuzinhos e groselha para todos vocês...

Esta vida é um Teatro

Apresentaremos hoje, em "avant-première", esta nossa sessão que procurará trazer a vocês alguns dramas e comédias do cotidiano, porque... esta vida é um teatro.

Cenário — Cozinha da Sétima.

Personagens — 1º: Uma garôta com dor no braço de tanto tocar a manivela do telefone

2º: Garôta ingênua e crédula.

Ato único.

1º personagem: (nervosíssima) — Oh! Fulana, dê uma corrida ao Prédio e peça a alguém para atender esta droga, pelo amor de Deus!

2º personagem: (com ar in-

gênuo) — O telefone não está funcionando não?

1º personagem: (irônica) — Claro que está... Então não ia estar? A função dele é dar imponência a cozinha e isto ele dá...

(Pano rápido com soar de campainhas).

Cenário — Varanda da Sétima.

Personagens — 1º: Aluna do 2º ano.

2º: Alunas da 4º ano.

Ato único.

1º personagem: Muito bem, hein colega! Já é professora antes de se formar! Dêsse jeito quando receber o diploma, já sai daqui catedrática. E em todas as matérias... Que maravilha!...

2º personagem: (Que pode estar corrigindo provas) E, não é?...

1º personagem: E o ordenado como é?

2º personagem: Pois é...

(Pano lento, podendo ter ao fundo um cheque de mil cruzeiros).

Cenário — Um quarto na Sétima.

Personagens — Garôta com braço ferido.

2º — Colega preocupada,

Ato único.

1º — personagem: (Com o rosto contraído de dor) — Não agüento mais meu braço. Aqui no internato não tem remédio algum? Se ao menos, a Farmácia estivesse aberta!...

2º — personagem: (sempre com ar preocupado) A Farmácia fecha às quatro e meia minha cara, e, aqui não tem mercúrio-cromo, nem algodão. Acho melhor você procurar o nosso médico.

1º personagem: (com ar admirado) — Ah! Nós temos médico?...

(pano extremamente rápido, com contorsões e sem remédio, mostrando que o néo-realismo

(Continua na 3ª página)

O QUE MUITOS PENSAM

AS
NINGUÉM
DIZ

na pauta do neces-
mas coisas que todos pensam, mas só nós

deram a nota as
bas em azuis profundos com rapazes do

a fifa, que êste
tante por fora, deu seu sustenido na brin-
ena. foi muito top o ocorrido.

muitos outros aconteci-
mas êstes, até nós só imaginamos atual
oportuno.

bastante grande o
parece-nos que o ocorrido muito pensado

feliz foi a circu-
rasgados foram notados em lindinalva. mui
haverá breve inauguração de alianças en

nossa coluna apro-
frança e maria cuja subida ao altar se deu

múcio continua em rosa
versas por aqui que êle não ganhou um mara
ela na hora de ter ganho o supra dito.

fim de pensamentos
dizer.

apresentou já já.

sário nossa coluna volta com mais algu-
dizemos.

bem lançadas carminha e carmezinda, am-
alvorada. o assunto promete.

ano estava na tangente do absoluto, bas-
cadeira do c. a. s., com um certo rapaz da

mentos bem lançados se fazem antever,
mente e deixaremos para dizer, na hora do

n em que está o beleza contra a srta. vânia.
entre nós.

lação do dr. long-play por aqui, sorrisos
tos pensam e nós dizemos: parece-nos que
tre eles.

veita para cumprimentar nossos ex-colegas
no dia 28 pp.

e dourado com a sua nativa, houve con-
cujá por estar circulando em voltinhas com

que, em black out, nós temos coragem de

AUTENTICIDADE

O homem revela-se através de dois aspectos de cuja composição resulta sua realidade total — o indivíduo e a pessoa. O indivíduo constitui o homem natural, participante do que há de animal em a natureza humana, do que se acha submetido ao determinismo das leis biológicas. A pessoa, porém, constitui o homem espiritual. Aquilo que o homem possui de livre, em face do determinismo das leis biológicas, de autônomo em face da contingência do meio ambiente e de eterno, em face da Natureza e da sociedade.

Êste duplo aspecto da totalidade do homem nos permite concluir que êle é passível de sofrer influência do meio, mas que, sobretudo, é capaz de nele influir benêficamente, através dos valores positivos de sua personalidade.

Estas considerações levam-nos a pensar no papel que devemos desempenhar no grupo social a que estamos pertencendo.

Pensemos um pouco: viemos estudar em uma universidade. Possuimos o mesmo grau de estudos, mas viemos de diferentes Estados, de grupos sociais com mentalidades que marcaram indelêvelmente o nosso Ego. Aqui chegamos tendo o ambiente a enfrentar e, ao mesmo tempo, ansiosos por adquirir novas vivências, que nos permitissem aperfeiçoar nossa personalidade e satisfazer nossos ideais.

Após o primeiro impacto, compreendemos que êle era diferente que possui qualidades e defeitos, como tudo o que é humano e, portanto, imperfeito.

Qual será nossa atitude? Qual é a sua atitude colega?

Será a de o assimilar totalmente, uma vez que quatro anos passam depressa?

Não. Mil vezes não.

Existe uma grande diferença entre assimilação e adaptação. Assimilar é aceitar o meio como êle se nos apresenta, integrando nossa personalidade a êle, passando a pensar e agir como o

grupo. Desta forma, deixamos que predomine nós a parte individual.

Adaptar, porém, consiste em viver o meio, assimilando seu lado positivo, procurando, nas medidas da nossa força, elevar, modificar seu lado negativo.

Lembre-mos que a sociedade tem sido pródiga com as atitudes fúteis, mesquinha com as que ilustrem e moralizam. Não consintamos que o meio dite leis que são incompatíveis com aquilo que o homem tem de mais sublime — sua espiritualidade.

AMAT.

Esta vida é um Teatro

(Continuação)

do autor se estende até depois de terminada a peça).

Por hoje paramos, mas nosso olho clínico continuará buscando a arte nos pequenos episódios de nossa vida, para trazer a vocês, porque... esta vida é um teatro.

SOLIDÃO & RAIZES

Era assim que o recordava.

Rodando arco,
jogando bola,
fazendo farra,
levando a vida.
Hoje que o vejo,
quanta cousa mudou!

O arco,
a bola,
a farra,
a vida.

Do arco,
sòmente resta o vê-lo enferrujado a
um canto.

Da bola,
o eco distante do estourar no arame
farpado.

Da farra,
um gôsto amargo de tristeza na bôca.

Da vida,
a lembrança da própria vida.

LIGIÉRO.

Coisas da vida

"Não seria interessante a participação do Eu completo na vida do grupo, não como vigilantes, pois a palavra em si, faz com que o grupo o veja com os olhos diferentes do que veria um orientador, um amigo? Uma pessoa pue incorreu em um êrro, nem sempre pensado, por que não utilizá-la como orientadora, dar-lhe responsabilidade, em vez de puni-la?"

Há um ano foi levantada neste jornal, esta vaga e temerária hipótese de um sistema de responsabilidade pessoal.

Hoje, isto é uma realidade. Estamos vivendo em um regime em que somos nós e sòmente nós, responsáveis por nossas próprias pessoas, por nossos atos, por nosso Eu.

O que, para nós, as mais antigas aqui, era um sonho, senão inatingível, mas, pelo menos, com longínquas possibilidades de tornar-se realidade, deixou de o ser.

Como todo grupo social, temos leis e que, como tais, precisam ser cumpridas, precisam ser respeitadas.

Este é um grande problema.

Para quem as faz, as leis são ótimas. Para quem as tem de cumprir, têm defeitos, são difíceis, senão impossíveis. E' regra geral.

Encontramo-nos em uma fase de transição. Saímos do período em que se nos era dito o que fazer. Uma fase mais cômoda, não resta a menor dúvida. Não precisávamos pensar, tirar conclusões. Tudo vinha pronto. Nossa função era receber. Sòmente receber.

Hoje somos livres para pensar, para agir. Temos direitos. Porém as obrigações crescem assustadoramente.

Como partes de um todo, temos que agir em conjunto. Por menor que seja uma delas, se desequilibrar, provocará o desequilíbrio ou queda do conjunto. Lembremo-nos que, segundo Lotze: "existir é estar em relação".

A quantas de nós o atual regime possibilitará a afirmação: "Eu era; eu sou; eu sei que o eu que agora sou é o mesmo eu que antes era?" Para quantas de nós as experiências adquiridas servirão para um maior alicerçamento da sua personalidade? Quantas de nós saberão realmente usar o atual regime?

O título era êste: SEGUNDA SEMANA DE ESTUDOS ESQUIANOS.

Frequência? Mínima.

Interêsse? Nenhum.

Agora perguntamos: é justo que um pequeno grupo se debata, se entusiasme pela solução dos problemas do grupo grande? E' justo que os outros fiquem em "chacrinhas" cômodas e fáceis, a "meter o pau" na Escola se, quando surge a oportunidade para realizar algo, não aparecem?

Mais fácil será apenas pensar que temos aquilo que merecemos.

Leia e assiné

« A PAINEIRA »

Segunda Exposição de Artes Plásticas. Trabalhos dos Alunos da U. R. E. M. G.

Vivemos em um meio que, como é natural, até certo ponto, há o absoluto predomínio da técnica, em detrimento de outros tipos de cultura, principalmente da Arte que, para quem tem um nível cultural mais elevado, é imprescindível.

Vivamente aplaudida foi a Primeira Exposição de Artes Plásticas, organizada pelo DAAB e CAS, contando com a colaboração da UEE. Dizemos primeira, pois o entusiasmo com que foi acatada a iniciativa, o interêsse demonstrado pelo grupo, os comentários, fizeram com que pensássemos em uma exposição destas, sendo os trabalhos de alunos da UREM. Em nosso meio encontramos talentos em vários setores. Temos artistas, temos desenhistas, temos pintores.

Conversamos com os Presidentes do DAAB e ACTA e a idéia transformou-se em um plano realizável em setembro, quando do Congresso Estadual da UEE de Minas.

Mas, a exposição será para alguns, uns poucos que terão a possibilidade de apresentar um trabalho, uma vez que, todos sabem, a arte é privilégio de uma minoria. Esta é uma afirmação errônea, uma vez que entender de arte não é só fazer arte. E' sobretudo, saber apreciar a arte. E' entender o que um quadro exprime, E' conhecer as técnicas usadas. Artista não é sòmente o que faz. E' também o que vê.

Aqui deixamos o nosso pedido de colaboração aos artistas: pintores, desenhistas. Comecem a preparar seus trabalhos. De vocês dependerá a realização do nosso plano e o sucesso da Segunda Exposição de Artes Plásticas.